

Sarney

## Crise à vista

Para os políticos de sua intimidade, Sarney tem revelado firme convicção de que o Governo está adotando os remédios adequados para combater a inflação, esperando que ela continue a declinar nos próximos meses. O Presidente acredita que, dentro de um prazo entre 60 e 90 dias, estará em condições de mostrar que sua orientação está correta.

Quanto à negociação externa, o Governo acredita que ela está sendo conduzida por pessoas qualificadas e que haverá de obter uma fórmula que atenda aos interesses do País. Esses negociadores já fizeram ver aos nossos credores que o Governo brasileiro não aceita impor uma política econômica recessiva para vencer a inflação.

O País vai continuar crescendo este ano a uma taxa que ficará entre cinco e seis por cento. Esta é a única maneira de completar o processo de democratização sem traumas, dando ao País condições de honrar os compromissos que vierem a ser assumidos. Enfim, o Presidente não mudou a orientação que vem adotando desde a implantação do Plano Cruzado, embora não veja nenhuma condição para aplicar novo congelamento de preços e salários, hipótese que tanto assusta a classe empresarial.

O encontro do presidente Sarney com os empresários de São Paulo, no Haras de Mathias Machline, serviu para que o Chefe do Governo desse à comerciantes e industriais a garantia de que não cogita, em nenhuma hipótese, de promover um novo congelamento de preços e salários, hipótese que continuava circulando na área econômica.

Segundo as informações que chegaram de São Paulo, o Presidente mostrou-se seguro na orientação que está adotando para o setor econômico-financeiro e, de modo particular, a respeito do êxito das negociações que conduz com os banqueiros credores sem a interferência do Fundo Monetário Internacional.

O Presidente voltou de São Paulo muito satisfeito com o diálogo franco que teve oportunidade de manter com comerciantes e industriais, reafirmando a determinação do seu Governo em não aceitar qualquer tipo de política que conduza o País à recessão e ao desemprego. Isso afasta, naturalmente, qualquer idéia de um recuo na posição brasileira para admitir o acordo com o FMI. O Presidente continua convencido de que o modelo recessivo daquela instituição penalizaria os trabalhadores de uma forma intolerável, colocando em risco a própria transição democrática.

Quanto ao editorial do *New York Times*, o Governo não pode perder de vista os riscos de crise institucional. Basta lembrar que, há cerca de três meses, um ministro fidelíssimo à linha mais ortodoxa do PMDB admitia que havia se restabelecido em São Paulo a ligação entre os empresários e os militares — ligação que, há mais de vinte anos, foi decisiva na derrubada de João Goulart.

Não é preciso ser nenhum adivinho para enxergar a possibilidade de uma grave crise que ponha em jogo as instituições democráticas no País. Como se não bastassem os problemas gerados pela crise econômica, há notícia de inquietação no meio militar, principalmente em razão dos baixos vencimentos pagos pelo Governo.

O presidente Sarney é um político de grande experiência e sabe muito bem que as crises políticas no Brasil sempre resultaram de dificuldades econômicas e sociais.